

A nossa formação étnica

Ao ler, pela primeira vez, frei Vicente do Salvador e Robert Southey, uma das observações que primeiro me acudiram foi sobre o destino que porventura haviam tomado os indígenas que desciam do sertão em grandes levas, para os trabalhos comuns da lavoura, nas cidades e aldeamentos do litoral. Que o Brasil era fartamente habitado em toda a sua extensão basta a circunstância de se encontrarem com o selvícola, os portugueses, os franceses, os holandeses, em qualquer ponto da costa que desembarcassem. Quantos eram eles nos dias do descobrimento? Pelo depoimento dos cronistas dos séculos XVI e XVII, a conclusão a que se chega é que o Brasil possuía população autóctone três ou quatro vezes superior à de Portugal, a qual era avaliada, por essa época, em pouco mais de um milhão. Essas cogitações perturbavam o meu entendimento. E eu confesso, neste lugar, que devo ao sr. Manuel Bomfim o desassombro com que, nos últimos tempos, me tenho referido a esse capítulo da nossa História. Foi ele que, nas palestras que tivemos há quasi dois anos, fortaleceu, em alguns pontos, com a sua solidariedade, as minhas atrevidas convicções.

O Brasil é, assim, etnicamente, uma nação americana. E proclamando essa verdade, acentua o ilustre sociólogo brasileiro, com o testemunho dos mais respeitáveis historiadores coloniais, daqueles que trataram o índio, encontrando-o ainda na sua inocência selvagem, não advir para nós nenhum desprestígio com o reconhecimento dessa origem. Temos a veleidade literária de ser latinos. Mas, que foi Roma na sua gênese senão um valhacouto de salteadores? Imaginarão, acaso, os nossos aristocratas, que os gauleses, os germanos, os gregos pre-homéricos, viviam de outra maneira no seu estado primitivo? Quanto à suposta indolência do indígena, assinala o autor: "O índio não tem atividade ao sabor do civilizado capitalizador, porque não é levado pelos mesmos estímulos. Tem a atividade consentânea aos seus desejos. E é o natural. Indolente será aquele que adia o desejo, ou o transfere para o puro devaneio, ou, ainda, o degrada em lamentos e queixumes". E acrescenta: "Foi a própria bondade que colheu a tribo, e limitou as suas necessidades. A cordialidade fraternal acentuou-se em desenvolvimento comunista, e, com isto, o essencial de estímulos individuais foi obliterado. Não lhes veio a sordidez do ganho e da propriedade individual, e, como se expandia a beleza das almas desinvejadas, mantinha-se a insignificância da produção, e enraizava-se a simplicidade da vida social. Generosos, cordialmente solidários, para que queriam eles riqueza, magistrados, e proceres, e governo mandante, e polícia? !...".

Essa é a conclusão a que chega, de fato, quem lê os nossos primeiros cronistas, e reflete desapassionadamente sobre o que eles expõem. Agora mesmo tenho à mão um desses depoimentos. É o do padre Yves d'Évreux, cuja obra me coube reeditar. "Vivem pacificamente com os butros, — diz o capuchinho francês, referindo-se aos tupinambás da ilha do Maranhão; — e dividem com eles o resultado da sua pescaria, caçada e lavoura, e não comem às escondidas". Ilustra, então, o que afirma: "Apareceram em minha casa muitos selvagens esfaimados, vindos da pescaria, onde somente apanharam um caranguejo, que assaram, sobre carvões, e pedindo-me farinha, o comeram todos, fazendo roda, cada um o seu pedacinho. Eram doze ou treze. Podeis imaginar o que tocava a cada um, sendo o caranguejo do tamanho de um ovo de galinha". E numa informação, que vale por todos os elogios: "É muito grande a liberalidade entre eles, e desconhecida a avareza.

O que se censura, hoje, tendenciosamente, àqueles antepassados que repudiámos por vaidade, representava, sem dúvida, a sua forma de sabedoria. O que nós achamos agora civilização não passa, talvez, de uma espécie de barbaria dourada. Que faz o índio? Trabalha na medida de suas necessidades. Que faz o civilizado? Trabalha, luta, atira-se a guerras de conquista, não apenas para obter o necessário, mas o supérfluo, que acumula egoisticamente com prejuízo dos seus semelhantes. Daí a vida sem cuidado entre os indígenas, a igualdade econômica entre eles, e, entre nós, a fome de milhões de criaturas, a miséria, o roubo, os formidáveis dramas da consciência, resultado deste regime social em que exige o jejum de classes inteiras que um banqueiro possa, à noite, tomar o seu champagne, comer as suas trutas, e encher de ouro amodado os seus enormes cofres de ferro!

O papel da civilização consiste, assim, em síntese, na criação de necessidades novas que reclamem do homem novos crimes e novos sacrifícios.

É conhecido, sobejamente, — e eu próprio já o divulguei em livro, — o caso contado há meio século pelo general Couto de Magalhães. Achava-se esse infatigável sertanista em vésperas de deixar a aldeia em que se hospedara no Alto Araguaia, quando lhe apareceu, em despedida, o tucuaú da tribo, o chefe dos caiapós.

Com o intuito de ser gentil, o general convidou-o a descer até o Pará e, para tentá-lo, descreveu-lhe as vantagens da vida civilizada, falando-lhe das casas de cinco andares, das gravatas, dos coletes, dos chapéus, das botinas engraxadas, de tudo, enfim, que o homem criou para aumentar as suas torturas naturais. O caiapó ouviu-o em silêncio e, ao fim de alguns instantes, indagou: — Por que não ficas tu aqui, onde não se precisa de nada disso?

É sabido que, ao tornarem a Paris, nos séculos XVI e XVII, os aventureiros de nobre estirpe que alimentaram o sonho da França-Antártica, os escritores do tem-

po se levantaram contra a europeização do selvícola, proclamando a superioridade do estado bárbaro, em que ele vivia, sobre a condição do europeu, em geral. Ronsard admoestava Villegaignon, condenando a sua deshumanidade, vindo a perturbar um povo livre que vivia na fartura e na felicidade.

Malherbe entendia, mesmo, que a civilização francesa tinha lições a receber da barbaria americana. Por que, pois, repudiar um antepassado legítimo, embora corrompido pelo europeu, quando se manifesta orgulho de provir, adulterinamente, do próprio corrotor?

HUMBERTO DE CAMPOS

(Crítica 1.ª série pag. 69 até 70).